



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA ELAYNE RIBEIRO PEREIRA

**O PROJETO “GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS)/UEPB” E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA PRÁTICA DOCENTE.**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

MARIA ELAYNE RIBEIRO PEREIRA

**O PROJETO “GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS)/UEPB” E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA MINHA PRÁTICA DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Moura Montenegro.

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436p Pereira, Maria Elayne Ribeiro.
O projeto "Gritos (Contadores de histórias)/UEPB" e suas contribuições para minha prática docente [manuscrito] : / Maria Elayne Ribeiro Pereira. - 2017.
54 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Relato de experiência. 2. Projeto de extensão. 3. Contação de histórias. 4. Prática docente.

21. ed. CDD 371.102

**O PROJETO "GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS)/UEPB" E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA PRÁTICA DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Aprovada em: 04/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Moura Montenegro

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Prof.^a Dr.^a Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Vagda G. G. Rocha

Prof.^a Dr.^a Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

✓ **A Deus**

✓ Agradeço primeiramente a Deus por me iluminar, me dar força para vencer todas as batalhas me segurando pela mão e me concedendo a vitória.

✓ **A professora Socorro Moura Montenegro**, por ter aceitado me orientar, dando-me forças, sempre me estimulando ao longo desse meu processo de produção textual desse artigo e por toda sua dedicação e empenho em todos os momentos, que se fizeram necessários.

✓ **Ao meu esposo Rafael**

✓ Por me apoiar, está sempre ao meu lado, me motivar e me dar forças para lutar e vencer.

✓ **Ao meu filho Nicolas**

✓ Por me dar forças e ser o meu maior motivo para lutar.

✓ **Aos meus pais Raimunda Ribeiro e Luis Pereira**

✓ Por nunca me deixarem desistir dos meus objetivos, por me guardarem sempre em suas orações, me apoiarem e me incentivarem.

✓ **A todos os professores**

✓ Todos os professores que, por mim passaram, contribuíram para minha formação profissional, e a eles meu agradecimento por terem me guiado a chegar até aqui.

✓ **Aos colegas de classe**

✓ Pelos bons momentos, pelas batalhas que, juntos, vencemos; pelo apoio e amizade.

Contadoras, sejam mágicas, e os livros saltarão de suas prateleiras nas mãos do leitor. (Daniel Pennac)

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. Literatura Infantil: prazer ou controle?.....	08
2. A Arte de Contar Histórias.....	11
3. Relato de Experiência no Projeto de Extensão: “Griots” (Contadores de Histórias) da UEPB.....	18
Considerações Finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	30
ANEXO A (Projeto de Extensão 2014/2015).....	34
ANEXO B (Projeto de Extensão 2015/2016).....	47

RESUMO

O PROJETO “GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS)/UEPB” E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA PRÁTICA DOCENTE.

O presente artigo teve como objetivo geral relatar a minha experiência como monitora do Projeto de Extensão: “GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS) DA UEPB” e refletir sobre a minha experiência como professora contadora de histórias. Sabendo que o referido projeto teve como objetivo geral formar contadores de histórias para que eles pudessem contribuir para formar o leitor. E, em razão disso, participei desse projeto como bolsista - responsável por parte das atividades que foram desenvolvidas no referido projeto, nas cotas 2014-2015 e 2015-2016. Os encontros realizavam-se quinzenalmente, aos sábados, no Parque da Criança, na cidade de Campina Grande - PB. Esses encontros eram realizados, a partir da necessidade de incluirmos debates teóricos, práticas e técnicas de contação de histórias. A metodologia utilizada nesse trabalho foi uma pesquisa-ação, por entender que, como bolsista desse projeto, busquei refletir sobre a minha própria prática pedagógica, enquanto professora, no que concerne à formação do leitor. Assim sendo, os resultados desse projeto, a meu ver, foram satisfatórios, no sentido de que pudemos rever a nossa prática, como mediadora da leitura, por meio da contação de histórias. Os autores com os quais nos ancoramos foi Busatto (2007); Abramovich (1997), Cadermatori (2006); Pennac (1995); Cosson (2009) e outros.

Palavras-Chave: Relato de Experiência; Projeto de Extensão; Contação de Histórias.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias sempre esteve inerente ao ser humano. Nossos antepassados utilizavam as histórias como instrumento de transmissão cultural, de crenças, de costumes, de regras, etc. Os contadores de histórias eram incumbidos de transmitir a cultura do seu povo para as gerações futuras. Todo povo se reunia em volta da fogueira, e todas as noites as histórias reinavam entre eles. Com o passar do tempo, porém essa cultura de contar histórias foi

desaparecendo até quase sumir por completo. Nas últimas décadas do século XX o ato de contar histórias vem sendo resgatado. A partir daí, surge um novo contador de histórias, o contador contemporâneo, esse contador que agora faz parte, não mais de uma cultura iletrada, mas que está inserido em uma sociedade letrada, em uma modernidade, dos veículos de comunicação, das informações rápidas, simples, curtas e diretas que já vêm interpretadas. E é nessa direção que o personagem reassume seu lugar na história, trazendo de volta o fascínio das narrações orais para essa sociedade em que muitos enxergam o ato de contar e ouvir histórias uma grande perda de tempo.

As histórias, muitas vezes, são desvalorizadas na nossa sociedade atual, tanto no âmbito familiar como, escolar. Porém isso é algo que precisa ser mudado, pois, as histórias são repletas de significados, as histórias falam às crianças com uma linguagem própria, sem a qual se tornaria mais difícil para elas compreenderem a si mesma e ao mundo ao seu redor. Nas histórias elas encontram muitas respostas para seus dilemas interiores, encontram soluções para suas angústias, que, por muitas vezes, sem a fantasia da história elas não encontrariam tão facilmente. A contação de histórias, a leitura, pode servir como amparo e auxílio para as crianças, lhes mostrando que coisas que para elas não seriam possíveis, podem ser facilmente realizadas em outro lugar, em um mundo paralelo, um universo encantado, o mundo da literatura.

Para além dessa significação que as histórias trazem consigo, há também o encantamento, o prazer proporcionado por elas, algo que faz despertar o desejo de descobrir, a curiosidade em aprender, a paixão de querer sempre mais e, assim, nasce um leitor. Faz-se necessário uma análise sobre como se tem trabalhado a literatura na sala de aula, porque a maioria dos jovens está cada vez mais, desinteressada pela leitura? Toda criança é um leitor em potencial, cabe a nós adultos, não podá-las, e sim, estimulá-las. Mostrar-lhes o amor pela leitura gratuita sem, jamais, transformar esses momentos em obrigações enfadonhas e pouco significativas.

Nesse sentido, consideramos de fundamental importância o papel do professor na escola, no que diz respeito à sua maneira de trabalhar a literatura com as crianças. Uma forma equivocada pode levar a perda de interesse, pode escurecer aquele brilho tão especial e fascinante que as histórias gratuitas sempre lhes trouxeram. Se o objetivo de todo professor comprometido com a educação e com a formação do leitor, desde que tenhamos clareza de que para formar este leitor não devemos obrigar alguém a amar a leitura, já que é algo que precisa ser estimulado, ensinado e, cabe a nós, professores, fazê-lo de forma adequada.

É oportuno ressaltar que se faz necessário que as universidades possam rever seus projetos políticos pedagógicos de cada curso, no sentido de rever o acréscimo de componentes curriculares e cursos de extensão que visem melhor qualificar os aluno(a)s/futuro(a)s professores/as para o papel de formar o(a) aluno(a) leitor(a), por meio de cursos de contação de histórias no interior dos componente curricular: literatura infantil. Como já foi dito anteriormente, é de fundamental importância, sobretudo, para a formação do pedagogo (a), essa preparação do professor leitor, esse professor que poderá despertar, no seu aluno, o interesse pela leitura.

O curso de extensão Griots, contadores de histórias da Universidade Estadual da Paraíba, a meu ver, contribuiu significativamente para que o professor possa rever a sua prática com relação ao contato com o texto literário, já que o pedagogo precisa refletir sobre o uso adequado da Literatura Infantil, como forma de desempenhar um papel de qualidade na formação de alunos leitores, considerando que é o professor que auxiliará as crianças a desvendar o mistério dos livros, esses por sua vez, tem o grande poder de causar fascinação, aguçar a imaginação, e despertar o amor pela leitura. O curso de extensão Griots tem preparado os futuros educandos para ser esse professor contador de histórias, a partir da nossa prática em sala de aula, pensando em como trabalharemos a Literatura Infantil para que não permitamos que o prazer em ler seja substituído por obrigação.

A partir dessas reflexões, podemos, também, partir da seguinte indagação: Porque aquela criança que, no início, amava as histórias que encontrava nos livros, agora costuma fugir dos mesmos? Por que esses livros tornaram-se tão assustadores? Será o fato de não conseguir responder prontamente as indagações feitas sobre o que é que aconteceu em determinados momentos da história? Ou o que esta história quis dizer ao longo de sua trama? Será o fato de não poder simplesmente vivenciar a sua parte favorita daquele conto, pois está apreensivo demais em gravar tudo o que pode ser indagado ao final da história? Dessa forma a criança não conseguirá extrair das histórias as significações que estas podem lhes trazer, e não será interessante para ele. Definitivamente, não é dessa maneira que o gosto pela literatura será estimulado. A contação de histórias pode e deve ser um instrumento a ser utilizado em sala de aula, o ato de contar histórias é uma forte ferramenta para despertar o amor pela leitura e, assim, formar o aluno leitor, isso é o que discutiremos melhor no decorrer deste artigo.

1. Literatura Infantil: prazer ou controle?

Quando se fala em Literatura Infantil a primeira coisa que me vem à mente é o poder de encantamento que as histórias trazem. Geralmente, o primeiro contato das crianças com esse tipo de leitura é na família, quando a mãe, o pai, os avós lhes contam histórias para dormir. Salvo mencionar que não são todas as crianças que tem a oportunidade desse contato inicial, algumas terão esse contato apenas na escola.

“Conta mais uma vez”, essa é a frase mais ouvida, por esse contador em especial que conta histórias ao pé da cama, pois os pequenos sempre querem ouvir mais de uma vez, e mais uma vez, a mesma história todas as noites, até que eles decidam que não precisam mais daquela história no momento e escolham mudar de conto. As crianças adoram ouvir histórias, manusear os livros, a leitura lhes traz acalento, aconchego, lhes auxiliam em seus conflitos interiores. Esse momento de leitura se não é, deve ser aquele momento mágico de puro prazer, de puro êxtase.

Pois bem, se no seio familiar, na sua primeira infância a criança é instigada à leitura prazerosa, é estimulada pela leitura gratuita, que a encanta, que não lhe pede nada em troca, que a faz desejar ouvir, desejar a leitura, porque então na escola onde queremos formar leitores, onde queremos despertar o amor pela leitura teremos de tratar a literatura de forma diferente? Para que transformar num fardo algo que era um momento de prazer?

[...] Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr a prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade (PENNAC, 1993, p.54).

A literatura deve ser trabalhada na escola como uma partilha de saberes, pois cada um leva para o texto suas experiências pessoais, é daí que surge o significado do texto que pode ser diferente para cada um, dependendo do momento da sua vida. Uma história quando é lida por alguém, torna-se repleta das interpretações feitas pelo mesmo a partir das suas vivências, a leitura feita em voz alta torna-se uma teia compartilhada de saberes. Os sentidos do texto podem ser extraídos por cada um e compartilhados para todos, sim, já que é importante essa troca, sabendo que, só há troca, quando buscarmos experienciar com o grupo as maravilhas que foram vividas no mundo da leitura.

A leitura não tem que ser uma leitura solitária e silenciosa, pois ler implica troca de sentidos não só entre escritor e leitor, mas também com a sociedade, pois os sentidos são resultados do compartilhamento de visões de mundo, como afirma Cosson (2009, p.27), em seu livro: *letramento literário, teoria e prática*.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.(Cosson-2009, p. 27)

Assim, é necessário que os professores reconheçam o quanto é de extrema importância a leitura literária na escola, não a leitura feita apenas para preencher fichas sobre o livro, ou texto lido, sim uma leitura que incentive o aluno a experimentar a história lida, dar-lhes sentido, trazer para si o que de melhor as histórias tem a oferecer, sem questionários enfadonhos que, muitas vezes, fazem o mesmo ler por ler, somente para preencher o que lhes foi solicitado.

Em seu livro Cosson (2009) alude que; ninguém nasce sabendo ler literatura, nós aprendemos a ler, esse aprendizado vai depender de como nos foi ensinado, que pode ser uma experiência bem ou mal sucedida. É aí que está o nosso papel como educador, como escola, de transformar a aprendizagem da literatura em algo significativo, de abrir para os educandos as portas da leitura prazerosa e, assim, ter maiores chances de formar bons futuros leitores. O amor pela leitura não é algo que se pode impor, é algo que se pode ensinar. Como alude Cosson, 2009:

[...] Nesse sentido, quem passou pela escola preenchendo fichas de leitura meramente classificatórias terá grande dificuldade de apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa, mas não sentirá dificuldade de fluir a ficção que se lhe oferece nas bancas de revistas. COSSON, 2009, p. 29)

Só um professor leitor poderá despertar no seu aluno o amor pela leitura para que perceba o quão prazerosa ela pode tornar-se, é preciso incentivá-los e não obrigá-lo a ler para que assim possa aprender com a leitura. Se incentivarmos nossas crianças, eles terão grandes chances de tornarem-se leitores. A leitura obrigatória jamais se tornará prazerosa. Poranto, para haver entrega, para haver significação para criança é preciso gratuidade, não se deve pedir nada em troca, sem cobrança didática alguma, apenas sentir, viver e compartilhar os sentidos extraídos da história e, assim, usufruir daquilo que lhe será mais significativo naquele exato momento.

[...] Gratuito. Era assim que ele entendia. Um presente. Um momento fora dos momentos[...]. Como preço dessa viagem não se exigia nada dele, nem um tostão, não se pedia a menor compensação[...]. Aqui tudo se passava no país da gratuidade. A gratuidade, que é a única moeda da arte (PENNAC, 1993, p.34).

Nessa perspectiva, é preciso atentar para o fato de que o professor precisa saber de sua importância para a formação de alunos leitores, leitores do mundo que os rodeia, leitores capazes de desvendar os mistérios, possíveis e imagináveis, dos livros. Pois sabemos que são estes que, dependendo do professor, pode causar fascinação, aguçar a imaginação, e despertar o amor pela leitura.

Urge que a escola busque desfazer-se de certas práticas ‘engessadas’, que trazem a leitura literária apenas como subsídio para ensino de gramática, ortografia, vocabulário, etc. O professor pode tornar-se esse ser transformador que passa a saber utilizar a literatura de forma lúdica, divertida e, ao mesmo tempo, muito educativa, em que o aluno aprende um mundo de diversidades, sem necessariamente, ter que está respondendo a fichas e a questionários gramaticais sobre os textos.

A literatura deve ser trabalhada de forma a ajudar os educandos a descobrirem-se como leitores e, estes, por sua vez, irão adentrar no mundo da linguagem que a literatura lhes possibilita. A maneira mais adequada de ensinar o amor pela leitura é, mesmo, sendo exemplo de leitor, sendo modelo de leitor. É contagiando os alunos com o seu próprio prazer em ler, mostrando que a leitura literária na escola, além de ser significativa também pode ser tão prazerosa quanto à leitura feita em casa por deleite.

2. A Arte de Contar Histórias

Como já foi dito anteriormente, o ato de contar histórias vem de nossos antepassados, pois desde os primórdios, a tradição de um povo era passada de geração para geração através da oralidade, da cultura, dos costumes, das lendas, que, de certo modo, perpassavam de pais para filhos, de avós para netos, dos anciãos para a comunidade, através de histórias contadas.

[...] As histórias que trazem a compreensão da cultura e do espírito de um povo mantêm aceso o seu coração mítico. A estrutura literária é forjada por imagens que querem dizer alguma coisa, seja para mim, como para quem existiu antes de mim ou para quem virá depois de mim (BUSATTO, 2007, pág. 77).

Já, segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCN-(1998); a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Ora, se histórias tem o poder de nos encantar, de nos transportar no tempo e no espaço, imagina o ser criança, um ser cheio de fantasias, de sonhos, de curiosidades e de criatividades. Aproveito o ensejo para contar um pouco de minha história: lembro-me da minha avó, sempre contando histórias do passado, da família, da juventude, contando "causos", lendas da região, histórias de mistérios acontecidos e contados por pessoas que residiam nas redondezas, e lembro-me como toda a família parava para escutá-la, todos ficávamos fascinados pelos contos, as noites eram sempre assim. Nos dias atuais essa tradição se perdeu, a televisão, os celulares e diversas distrações, que fazem parte do mundo contemporâneo, acabam roubando o espaço desses momentos encantadores de contar e de ouvir.

As mais doces lembranças da minha infância são das histórias que ouvia da minha avó, das histórias que minha mãe me contava na hora de dormir. As histórias são cheias de significados na vida das crianças, trazem conforto, esperança, ajudam a conhecer sobre si e suas raízes, ajudam a resolver conflitos internos como acontece com as histórias dos contos de fadas.

[...] Algumas estórias folclóricas e de fadas desenvolveram-se a partir dos mitos; outras foram a eles incorporadas. As duas formas incorporaram a experiência cumulativa de uma sociedade, já que os homens desejavam lembrar a sabedoria passada e transmiti-la às gerações futuras. Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças (BETTELHEIM, 2002, pág. 25)

A literatura (os contos de fadas), muitas vezes, é desvalorizada na escola, que é o que mais nos interessa, aqui, e o que é pior, quando uma boa parte dos colegas professores a utilizam, chegam a utilizar como leitura pretexto, ou com o objetivo de ser utilizada, apenas, como subsídio para a aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, o que muitos, provavelmente, talvez não tenham conhecimento suficiente de que, são as contribuições desses contos que, os textos literários, vão muito além, contribuem tanto para a formação de leitores e transmissão de

herança cultural, como, ajuda no desenvolvimento da criatividade e autonomia, auxiliando também, a criança, a resolver conflitos internos, como a ser sujeitos críticos, autônomos.

Em dado momento da vida das crianças as histórias podem tocar nas angústias mais profundas que emergem do turbilhão de emoções que as crianças se encontram, tratam de perdas emocionais, conflitos familiares, superação de dificuldades; quer dizer, os contos de fadas auxiliam as crianças nas angústias mais profundas, como: ansiedade de superação, encontrar significado para vida, promover autoconhecimento, solucionar problemas édipos, entre outros. Os contos falam diretamente com a criança, oportunizam alívio as suas angústias, retratando sempre que após as lutas e dificuldades sempre virá um final vitorioso.

[...] Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, *em* qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas estórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego (BETTELHEIM, 2002, p, 06).

Segundo Bettelheim (2002), a criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, de acordo com a situação na qual a mesma se encontra e as pressões que está vivenciando no momento. Para que a criança se identifique com um conto e extraia dele significados, é preciso que sejam lidas, repetidas vezes a mesma história, só assim ela poderá se aprofundar e explorar adentrando na trama.

Os contadores de histórias eram primordiais, traziam acalento, transmitindo o que se passava a sua volta de forma lúdica, trazendo as histórias do seu povo, ensinado gerações. As crianças, essas que estavam por conhecer o mundo, passaram a conhecê-lo nas histórias de forma mais compreensível para elas, onde a realidade muitas vezes pode parecer confusa e assustadora. Os contos podem falar ao imaginário das crianças, falar ao seu inconsciente e, assim, a criança vai extraindo os significados das histórias. A cada vez que a história é contada ela pode interiorizar diferentes significados desse mesmo conto, a partir da realidade que está vivenciando naquele momento.

[...] Uma contação de histórias nunca irá se repetir, por mais que a história narrada esteja memorizada, palavra por palavra. A possibilidade de participação, não só intelectual e emocional, mas física do público faz com que ela seja única, pois pode sofrer alterações por conta da plateia (BUSATTO, 2007, pág. 33)

E, assim, uma mesma história pode ter significados diferentes para cada pessoa, e também significados diferentes para uma mesma pessoa em diferentes momentos sejam esses adultos ou crianças. Porém, a meu ver, falta à escola se apropriar dessas ideias para saber explorá-la em sala de aula e fora dela, sempre tendo como objetivo principal o de formar leitores para a vida inteira.

Como dito anteriormente, no mundo contemporâneo a tradição de contar histórias vem se perdendo, vejo as crianças em frente à TV, nos celulares, tablets, vídeo game, entre outros, enquanto muitas vezes os adultos estão ocupados demais, atarefados demais no mundo que nos consome pela pressa, onde não há mais tempo para sentar, contar e ouvir. Provavelmente, estejam surgindo novos contadores de histórias, um pouco diferente dos tradicionais, que contavam os contos, os mitos, suas vivências em círculo na beira de uma fogueira, na sala de casa, ou na cabeceira da cama. Então é uma faísca de esperança que nossas raízes não se percam no tempo.

No ressurgir do Contador de histórias há um resgate de algo tão importante que estava desvalorizado no mundo tecnológico. Esses novos contadores buscam técnicas de contar histórias, muitas vezes, em cursos que estão ganhando espaços em escolas e universidades, nessas novas técnicas o Contador não se vale mais apenas da voz e dos movimentos corporais, utilizam também de outros apetrechos, como tapetes, fantoches, instrumentos musicais, etc.

O contador de histórias contemporâneo agenda e se prepara para sua apresentação, ajusta-se ao espaço físico, muitas vezes usa um figurino que o caracteriza enquanto personagem-narrador aguarda o público entrar, e só então inicia o espetáculo, em alguns casos permeados por aparatos cênicos (BUSATTO, 2007, pág. 30).

Nesse resgate da valorização da contação de história, os professores devem adentrar nesse papel de Contador, pois ele é uma importante figura no despertar da curiosidade da criança pela leitura, ele pode passar para a criança a literatura apenas como objetivo de atividades gramaticais, tornar para a criança a leitura como algo monótono, cansativo, e nada atraente, ou pode levar a criança ao êxtase do mundo do sonho e da fantasia, tornar a leitura algo gostoso, prazeroso e desejado pela criança, despertando a curiosidade de querer saber mais, de querer conhecer, de

querer mergulhar no mundo da leitura. Seja a história lida ou contada, é importante que o professor se prepare antes de conta-lá, conheça a história, decida como conta-lá, se usará avental, tapete, fantoche, dedochê, fantasia, ou apenas contá-la sem apetrechos. Porém sempre com entonação na voz, gesticulando, encorporando o personagem. A mágica da história está em senti-lá, vivê-la enquanto conta e, assim, os ouvintes serão tocados, fascinados e vivenciarão o melhor do conto.

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998, p.143).

Os cursos de formação de professores, cada vez mais, têm disponibilizado além de disciplina também cursos de extensão para melhor preparar esse profissional em seu papel de leitor e Contador de histórias, para que, em sala de aula, possa contribuir para uma melhor formação dos alunos. O contar histórias é uma interação que aproxima leitores e ouvintes, auxiliam no autoconhecimento. Um momento único e fantástico propiciado pela arte do contar e ouvir. Porém como discorre Camargo (2011), por um lado os professores são orientados para práticas que despertem a imaginação e a criação, por outro lado o professor é pressionado pelo currículo escolar, pais, direção, etc a levar os alunos a iniciar o processo de alfabetização o mais rápido possível. O que acaba levando os professores a valorizarem muito mais as tarefas que preparam para alfabetização do que para uma construção de autoconhecimento criativo e imaginativo, o que acaba restringindo o ato de contar histórias a uma atividade essencialmente didática e pedagógica.

Muitas vezes acabei por presenciar professoras, ao ler histórias para as crianças em sala de aula, como se estivessem lendo um noticiário do jornal, ou uma propaganda qualquer em um panfleto de rua, sem demonstrar sentimento algum. E, isso era extremamente visível o desinteresse da própria leitora pela história, notava-se uma exaustão em sua ação, como quem estivesse a fazer algo por pura obrigação, sem sentir o conto, sem adentrar na história, sem se emocionar com a trama, sem prender a atenção dos seus leitores.

Podemos depreender disso, que, se o professor não tem formação para lidar com o texto literário, não se pode acusar de algo que os professores, em geral, desconhecem.

Quem conta o conto tem que vivê-lo em sua plenitude, através das palavras, torná-lo vivo, o Contador é um corpo em movimento que dá vida e voz aos personagens, ele precisa se entregar ao momento, deixar que a história aconteça através dele. Assim, as histórias que já são prenes de significados vêm também carregadas das emoções do Contador, das suas vivências e experiências, pois a mesma história nunca será contada da mesma forma por duas pessoas diferentes, porque cada um dá sua contribuição à história na sua forma de contá-la e de interpretá-la.

É muito importante a postura do professor que conta histórias, uma delas reside no fato de que ele precisa gostar e se identificar com o conto, com a leitura para, após isso, selecionar a temática e fazer um planejamento, que vai, desde a escolha do conto, a forma como será contada, seja ela lida ou dramatizada de diversas formas. Pois é o professor o responsável, em grande parte, pelo despertar do amor pela literatura, pela leitura. Há crianças que têm esse contato com a leitura em casa, outras apenas na escola. O professor é quem abrirá para elas essa janela do mundo imaginário, da magia e da fantasia. Nas histórias, as crianças podem buscar refúgio para os seus problemas reais, na qual às vezes a realidade é até muito dura para eles, nos contos eles podem encontrar esperanças, respostas. Nesse deleite a criança descobrirá a paixão que é ler, que a leitura é um mundo onde ela pode realizar coisas que nem sempre são possíveis na realidade, pois nada é impossível apenas existem coisas que só podem ser realizadas em outros lugares, como no universo da leitura.

A professora que conta histórias tem um papel fundamental para o desenvolvimento da criança. É a professora que organiza as crianças para a atividade, é ela quem escolhe a história que será contada, é na relação com ela que as crianças podem construir seus sentidos e significados (CAMARGO, 2011, p.25).

Lembro-me da tamanha fascinação que eu sentia ao ouvir história na infância, ou mesmo na vida adulta, porém as histórias ouvidas na infância nos marcam, são marcas que carregamos conosco por toda a vida. Segundo Ligia Cadermatori (2009), Os livros inesquecíveis, aqueles que sempre nos causam impacto, sempre nos trazem surpresas e prazer ao serem relidos, fizeram parte da nossa formação de conceitos, ordenaram certas vivências, mas, sobretudo, nos fascinaram.

Os contadores de história contemporâneos se diferem dos contadores de histórias de antigamente como já foi citado, não contam suas histórias a beira da fogueira, também já estão para além da sala de aula, teatro, eventos, hospitais, aonde forem chamados lá estarão eles, seja para alegrar e levar esperanças aos doentes em seus leitos, seja para animar uma festinha, um jantar, a história pode ser cômica, pode ser dramática, trágica, uma aventura, um conto de terror, um conto de fadas. Seja qual for o conteúdo da história sempre haverá alguém que a leve aos olhos e ouvidos de quem a queira apreciar.

Não são apenas os contadores de histórias que mudaram, as histórias também mudam ao longo do tempo, pois ela se adaptam à cultura, ao meio social, e aos costumes e isso pode ser constatado, ao observarmos as modificações dessas histórias ao longo do tempo.

Por exemplo, o contexto histórico e cultural das antigas versões dos contos de fadas que datam do século XIX, concebiam a figura da mulher como sendo uma figura submissa ao homem, preparada para ser uma esposa virtuosa, retratada nos contos de fadas tradicionais dessa época. Ressaltando, ainda, que os contos tradicionais perpetuam a imagem de princesas educadas para esperar por um “príncipe encantado” que as salvasse. No entanto, o olhar para a mulher na sociedade contemporânea está mudando pela forma como está visível nas novas versões dos contos de fadas, a presença dos diferentes tipos de princesas, a exemplo de personagens que já sonham em se tornar independentes para ter seu próprio negócio: ser uma empresária de sucesso.

Se remontarmos a época em que os contos tradicionais foram escritos, verificaremos que o papel da mulher na sociedade era casar, servir ao marido, ser uma esposa educada, virtuosa e submissa. Na contemporaneidade, a mulher conquistou seu espaço, libertou-se dos grilhões de inferioridade, e mostrou que não é um sexo frágil. Donas de si, seguem e vão à luta em busca dos seus sonhos e, nas suas vidas, o casamento passou para segundo plano, e quem assume o papel principal é a carreira profissional e as realizações pessoais. Como os contos transmitem a herança cultural, os contos clássicos retratam princesas que esperam, passivamente, alguém que resolva seus problemas, e sempre são salvas por homens.

Os contos contemporâneos concebem o papel da mulher retratando a sociedade atual. Histórias do tipo *A princesa e o sapo*, que mostra uma princesa negra com o sonho de tornar-se empresária, Ela trabalha como garçonete, juntando dinheiro para poder começar seu próprio negócio, acreditando que não basta sonhar, é preciso ir em busca do seu sonho. Assim como, também é retratada na história *Fadas e Pizzas* onde a princesa torna-se uma grande empresária de

sucesso, para só após encontrar um companheiro, que como a história conta, “Não tinha nada de encantado, mas a encantou”. Essas histórias enfatizam o empreendedorismo cada vez mais presente na vida das mulheres contemporâneas. Transmitem para a criança que o casamento não é a única forma de sentir-se realizada. Há também o conto da princesa espertalhona, fala sobre uma princesa que não queria se casar. *O Príncipe Cinderelo*, uma história que segue mais ou menos a trama da história da cinderela, porém com um homem no papel de frágil e indefeso.

As histórias têm uma influência imensurável na preparação das crianças para a vida adulta, É imprescindível dar às crianças a oportunidade de conhecer os diversos tipos de contos de fadas, afim de que possam perceber a variedade de soluções para seus dilemas, e com menos ênfase em ilustrações, permitindo assim o melhor aproveitamento do imaginário infantil. É necessário que permitam a criança o desenvolvimento da sua imaginação, que ela possa fazer uma associação pessoal com o personagem imaginando as cenas a partir da sua visão em vez da do ilustrador.

[...] Os livros ilustrados, preferidos tanto pelos adultos como pelas crianças modernas, não atendem a suas melhores necessidades. As ilustrações distraem em vez de contribuir. Estudos de cartilhas ilustradas demonstram que os quadros dispersam a criança do processo de aprendizagem, porque a ilustração dirige a imaginação da criança para um caminho diferente do que, por conta própria, experimentaria. A estória ilustrada perde muito conteúdo de significado pessoal que poderia trazer para a criança que aplicasse apenas suas próprias associações visuais a ela, em vez das do ilustrador (BETTELHEIM, 1978, p. 63).

Há uma falta de informação por parte da sociedade que, muitas vezes, não compreende que os contos de fadas não são apenas um passatempo para crianças e que não devem também ser trabalhados como leitura obrigatória e enfadonha, mas, sim como uma leitura prazerosa.

O importante é termos claro que a criança é garimpeira, está sempre buscando pepitas no meio do cascalho numeroso que lhe é servido pela vida. A relação da infância com as histórias fantásticas é antiga e sólida, o que nos leva à convicção de que essa ficção é preciosa para as mentes jovens (CORSO, Diana Lichtenstein & CORSO, Mário 2005, p. 19).

Para cada criança a história tende a representar significados diferentes partindo das suas necessidades do momento. É preciso permitir que a criança extraia esses significados, dar-lhes tempo para saborear e embeber-se da história, relendo quantas vezes for necessário para ela.

3. Relato de Experiência no Projeto de Extensão: “Griots” (Contadores de Histórias) da UEPB

Participei do Projeto de Extensão: “Griots (Contadores de Histórias) da UEPB”, nas cotas 2014-2015 e 2015-2016, como bolsista, de modo que o referido projeto teve como principal objetivo geral formar contadores de histórias para que eles pudessem contribuir para a formação de leitores.

Durante nossos primeiros encontros debatíamos a importância da *contação de histórias* na formação de leitores, no despertar para a leitura. Inicialmente, os encontros se davam no espaço do Parque da Criança, contando com 10 (dez) integrantes do projeto, todos ávidos por conhecimento, amantes da literatura, e curiosos por essa figura que, antes esquecida, agora ressurgindo, o Contador de Histórias.

A meu ver, quando iniciou cada um tinha um conhecimento menos aprofundado, como se fosse mais leigo, e todos compartilhamos do que conhecíamos sobre o tema. No decorrer dos encontros nossas discussões voltaram-se não mais para conhecimentos leigos, mais sim nos embasando em Ligia Cademartori em seu livro: *O professor e a Literatura (2009)*.

A autora inicia nos trazendo uma reflexão de como a literatura pode ser significativa na vida de uma criança. Essa reflexão parte do romance de Lloyd Jones que conta a experiência de uma menina, Matilda, que vivia em um cenário de Guerra cívil numa ilha. Onde as escolas haviam fechado, não havia mais professores e nem materiais didáticos. Um sujeito que era o único estrangeiro que por lá permanecia, decidiu reabrir a escola para dar aula a essas crianças, porém ele não tinha formação de professor, era apenas um grande apreciador da literatura, e todo o material que dispunha era um exemplar de *Grandes Esperanças* de Charles Dickens. Ele lia o romance para as crianças adaptando a história para o entendimento dos alunos, já que se trata de um romance escrito para adultos.

O livro lido pelo professor distraía as crianças da dura realidade na qual estavam vivendo, e, as transportavam para um universo paralelo, fazendo esquecer toda a dor da dura realidade e trazendo esperanças. Ao ouvir as histórias elas encontravam refúgio da opressão na qual viviam.

O escapismo como uma primeira etapa na experiência da leitura, apesar do sentido pejorativo atribuído ao termo, pode estar na base da formação dos mais requintados leitores, assim como de escritores de grande talento [...]
(CADEMARTORI, 2009, P.21)

Em um primeiro momento a história serviu como um refúgio, um abrigo onde podiam esconder-se, para depois tornar-se não mais apenas um refúgio, mas sim dar-lhes forças para seguir, lutar, enfrentar as dificuldades com esperança. Segundo Bettelheim (1978), as histórias mostram às crianças que uma luta contra as dificuldades é inevitável, mas que se a pessoa não se intimida do contrário, se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e, muitas vezes, injustas, ela superará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Pois bem, foi o que aconteceu com a Matilda do romance de Lloyd Jones, ela começou a enfrentar sua mãe que se opunha ao professor e ao seu tão querido livro: *Grandes Esperanças* de Charles Dickens, Matilda descobriu que tem uma voz própria, descobriu que não basta apenas escapar e refugiar-se diante dos problemas, que tem que enfrentá-los para vencê-los. E, para finalizar a história, Matilda conclui o ensino médio e foi embora da ilha, de modo que se tornou professora substituta assim como o Sr. Watts, e ao rever sua trajetória começou a se perguntar quem foi aquele professor que a fez se apaixonar pela literatura.

A partir disso, podemos refletir a importância do professor na formação do leitor. O professor é um grande mediador, já que ele apresenta a literatura às crianças e nessa literatura há um leque de possibilidades, que as faz refletir, despertar suas curiosidades, aguçar uma busca por respostas. Aos olhos das crianças o professor é admirado, sua voz é valorizada pelas mesmas, para elas, nós professores, somos donos da razão, em nós se espelham, se inspiram.

Vemos, portanto, que a contação de histórias é um momento mágico em que leva tanto o narrador como o ouvinte para um mundo completamente mágico e possível onde se entrelaçam emoções, conflitos, sentimentos, dentre outros elementos importantes na constituição do sujeito (BRANDÃO, 2015, p. 99).

Nesse sentido, o papel do professor pode ser muito determinante em nossas vidas, assim como o foi Matilda, eu também segui a profissão de professor em partes pela forte influência de professores que passaram pela minha vida e me inspiraram, despertaram-me para esse mundo leitor, para esse mundo da educação, para o desejo de despertar em outros o que em mim despertaram.

O professor precisa ser um leitor, gostar de ler, só assim poderá instigar seus alunos à leitura. Ora, como alguém que não gosta de ler poderá mostrar a outros que a leitura pode ser

prazerosa, se ele mesmo não acha que seja. Se o professor não gosta da leitura, isso transparecerá para seus alunos, que poderão achar que a leitura é algo “chato” e “enfadonho”. Pois a leitura monótona não lhes prende a atenção, Já se o que está sendo lido está sendo com paixão, aquela paixão que transparece na nossa voz, nos nossos olhos, que faz o ouvinte apaixonar-se e compartilhando de um momento fantástico no mundo da leitura. O professor serve como uma referência para os seus alunos, se queremos formar leitores precisamos ser exemplo.

Quando conta histórias, o professor interage com seus alunos, criando diferentes possibilidades de construção de sentidos. O professor planeja ações para seus alunos e compartilha com eles seus conhecimentos e experiências. É nesse processo dialógico que ocorre o ensino e a aprendizagem (CAMARGO, 2011, P. 34).

No curso de contação de histórias tivemos a oportunidade de conhecer contadores de histórias e nos deleitar ao ouvir seus contos, o fascínio e a paixão que transparecem em si ao contar histórias. Por isso entendemos que esses contadores de história nos fazem querer viver o mesmo sentimento, sentir o mesmo que eles. Torna a história mais impressionante a maneira que é contada com impolgação e dedicação. Faz-nos querer fazer parte da história, vivê-la na imaginação, nos faz sentir em uma realidade mágica. É isso que devemos fazer nossos alunos sentirem.

Sobre as técnicas de contar história, aprendemos com alunos do curso de Arte e Mídia da UFCG que, espontaneamente, dispuseram-se a contar histórias e tratar de algumas técnicas, dentre elas, está a de nos conscientizar de que devemos movimentar nosso corpo com leveza. Na prática tivemos exercícios de movimentos, dinâmicas que nos mostraram que existe a hora de se movimentar, a hora de parar, a hora de falar e a de calar. Interagir com seus ouvintes, trazer-lhes para história, permitir-lhes participar do momento ativamente. Por isso, Chamamos a atenção, mais uma vez, para o fato de que na linguagem fazemos uso constante de gestos, uma vez que através destes, confirmamos, enfatizamos, complementamos, contradizemos, dentre outros, o que comunicamos através da fala (BRANDÃO, 2015, p. 22).

Porém não nos basta apenas apreciar, queremos praticar, sim, após esses momentos maravilhosos com os contadores tivemos nossa vez, agora somos nós que vamos atuar. Cada um de nós teve oportunidade de contar histórias para o grupo e mostrar as técnicas aprendidas. Nosso

plano não era ficar apenas no grupo, mas, sim, ir às escolas, contar histórias para as crianças, porém dificuldades foram surgindo, essas foram sendo adiadas, de modo que esse momento acabou por não acontecer.

Muitas dificuldades surgiram em nosso caminho durante esse projeto de extensão, a falta de espaço é uma delas, pois nossos encontros a princípio eram no Parque da Criança, porém com o início do período chuvoso ficamos sem um local “adequado” para os encontros. Passamos a nos encontrar no Museu de Arte Popular da Paraíba (Museu dos Três Pandeiros) às margens do Açude Velho, contudo alguns alunos apresentaram de certa forma, dificuldades de acesso até o referido local, o que acabou provocando evazão. Muitos dos participantes se deslocavam de outras cidades circunvizinhas. Tínhamos também a falta de materiais para oficinas de confecções, de forma que a extensão não recebe auxílio de manutenção, nem contávamos com nenhum tipo de patrocínio. Essas dificuldades na qual nos esbarramos, impediram-nos de aproveitar plenamente todas as possibilidades que o projeto poderia nos proporcionar.

Mesmo com todas as dificuldades, todos nós aprendemos muito com esse projeto. Contar Histórias não é uma tarefa tão fácil, prender a atenção e ao mesmo tempo causar encantamento não é tão simples, exige planejamento, o contador precisa fazer a escolha da história, precisa ler e familiarizar-se com o conto, o lugar escolhido também é de suma importância, o ambiente contribui para que aconteça um maior aconchego para que as crianças possam vir estimular a imaginação e ao contar a história, os gestos podem torná-la ainda mais real, os gestos estimulam a imaginação, nos transportam para dentro dos acontecimentos da história.

Como afirma Busatto (2007), a contação de história exige olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte, a contação é uma linguagem artística multidisciplinar, envolve letra feito voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora. O contador de histórias transforma seu corpo em cenário da ação, traz o texto impresso na pele, cria corporalmente enquanto narra imagens do espaço por onde a história desliza.

[...] Ao se falar em técnica, deve-se lembrar que ela é um recurso a ser aprendido, para, em seguida esquecido. Pois se contar história é uma arte, uma necessidade humana, então o artista da palavra, materializada precisa ter um domínio profundo da técnica a ponto de interiorizá-la e não precisar conscientemente dela durante a apresentação. Nesse momento de fruição artística o que transparece não é a técnica, mas, antes, a vida. (BUSATTO, 2007, pág. 35).

O contador de histórias é como um andarilho que caminha e caminha por paisagens, lugares, culturas e até planetas diferentes, sem sair de um mesmo espaço físico. Ele carrega a história consigo, já que esta está arraigada nele, cada história contada tem nela um pedacinho dele. Os contadores tradicionais não estudavam uma técnica para contar histórias, eles apenas contavam a sua maneira, desenvolvendo a técnica a partir do próprio ato de contar, muitas das histórias contadas eram, por vezes, vivenciadas pelos próprios contadores, por seus pais ou pelos avós, histórias que ouviam de outros. Histórias contadas a partir de suas crenças, sua visão de mundo, seu universo cultural.

O contador contemporâneo busca estudar técnicas para melhorar sua contação, para aprender as melhores maneiras de cativar seus expectadores. Essas técnicas aprendidas devem interiorizar-se no contador, pois não se deve contar histórias pensando apenas na técnica, não deve ser algo mecânico, e sim, espontâneo, a história precisa ser sentida. No ato de contar não se deve estar pensando em que momentos vai pausar a história para instigar a curiosidade do ouvinte e transportá-los até o cenário da história, isso é algo que deve fruir naturalmente, espontaneamente. Então, acreditamos que a técnica precisa estar, sim, interiorizada no contador, desde que tenhamos consciência de que não é a técnica pela técnica que deve mover o contador, em primeiro lugar e, sim, a história que precisa ser vivida, em toda a sua intensidade, enquanto é contada.

Na minha experiência pessoal, ao contar histórias durante e após o projeto de extensão, aprendi a me doar a história contada, e percebi como as crianças que me ouviam, também se doavam, elas queriam sentir a história como eu a estava sentindo, a história criava vida entre mim e eles, éramos arrebatados pelo conto, percebi a importância de sentir a história para dar-lhe o sentido que o expectador assim o atribua naquele momento, embora em outros, seja dado outros sentidos e por aí vai.

Pois bem, como mencionei anteriormente, não houve oportunidade de irmos às escolas públicas contar histórias para as crianças em um dos momentos do projeto, que teve duração de um ano, cada cota, e colocar em prática os conhecimentos adquiridos,

Como contadora de histórias, faz-se necessário deixar claro que a minha prática se deu na turma em que lecionava, uma turma de 1º ano do ensino fundamental. Comecei, então, pelas escolhas das histórias a serem contadas, escolhi contos clássicos e contos com versões modernas, contemporâneas, como por exemplo, a história da “Cinderela” e a história do “Príncipe

Cinderelo”, histórias como a “Bela Adormecida”, “Branca de Neve” e histórias como a princesa que não queria casar, fadas e pizzas, etc. Essa escolha se deu dessa forma porque considero extremamente importante apresentar às crianças contos variados, pois na maioria das vezes observamos que são contados sempre os mesmos contos, privando a criança, muitas vezes, de viajar por mundos diferentes, a partir das histórias. Os contos clássicos, assim como, todos os contos têm contribuições imensuráveis como já foi mencionado anteriormente. Porém foram escritos em um contexto social, que difere dos tempos atuais e, por esse motivo defendemos ser importante apresentarmos às crianças, tanto contos clássicos, como contos modernos, atuais, contemporâneos.

Os contos clássicos; de certa forma, reproduzem, em sua maioria, ora o machismo, ora o preconceito racial, ora outros tipos de preconceito que estão muito presentes na sociedade da época, de acordo com o contexto histórico e cultural no qual foram produzidos os contos, fábulas, poesias, etc.

Ainda advindo de minha atuação no projeto de contação de histórias e trazendo para a minha experiência como professora, passamos a observar crianças a partir de conversas com as mesmas e de suas brincadeiras espontâneas pode-se perceber que elas reproduzem aquilo que costumam ver nas histórias, as meninas fazem o papel de princesa indefesa enquanto os meninos resolvem tudo para elas. Em perguntas realizadas, as crianças responderam que as princesas precisam do príncipe porque se o príncipe não a socorrer ela morre.

Por outro lado, ao apresentar alguns contos contemporâneos para as crianças, suas respostas começaram a mudar, ou seja, as mesmas crianças que responderam para mim, em conversas informais, disseram que não existem princesas feias, que gostavam das princesas por serem lindas que toda princesa precisa de um príncipe, e que todas tem que se casar. Em outro momento, as crianças passaram a responder que cada princesa nasce de um jeito com belezas diferentes, que admiravam nelas sua coragem e o fato de se salvarem sem ajuda, que gostavam por elas serem guerreiras. E, em suas brincadeiras, passaram a representar as princesas, ora lutando, ora defendendo-se. As crianças deslumbraram-se com as histórias ao perceberem as muitas maneiras de finais felizes, e ao presenciarem princesas lutando, libertando-se, sem ajuda e trabalhando. O que se mostrou mais significativo, em relação a tudo isso, foi observar o amadurecimento das crianças durante esse período de experiências com os contos de fadas.

As crianças mergulharam nas histórias e cada uma se identificou de acordo com suas vivências, ao contar a história, a princesa que não queria casar, uma criança em particular ficou com os olhos brilhando, esta se entregou totalmente a história, no final da mesma, esta criança me confidencalizou que estava muito feliz por saber que a princesa decidiu não casar, porque ela também não queria se casar. Assim como a princesa, ela queria se sentir livre e viajar o mundo.

Nesse sentido, assim afirma Bettelheim (1978), os contos de fadas ajudam as crianças a lidarem com os problemas psicológicos do crescimento e da integração da sua personalidade. Auxilia as ansiedades existenciais e dilemas, como, a necessidade de ser amado, o amor pela vida e o medo da morte.

Nessa experiência pudemos perceber o quão significativas podem ser as histórias na vida das crianças, o quão as histórias as transformam, as fazem crescer. Nessa direção, as aulas se tornaram mais leves, as histórias eram contadas, todos os dias, no início da aula, momento esse que era esperado ansiosamente por todos, uma ansiedade que os inquietava para saber qual seria a história do dia. As crianças adoravam manusear os livros, passaram a desejar contar histórias também, isso aumentou o desejo pela leitura, o despertar do aprender a ler, do querer aprender a ler, os motivou.

Os contos de fadas não foram as únicas histórias trabalhadas. Após esse momento de contação de histórias, voltada para os contos de fadas, levei variados tipos de contos, a partir daí comecei a me caracterizar, a usar apetrechos para a contação e, o momento tornou-se ainda mais lúdico e encantador. Coloquei em prática os conhecimentos que aprendi nessa minha experiência com o projeto de extensão: “Contadores (GRIOTS) de Histórias da UEPB”, de forma que iam deixando fruir os movimentos, dando vida a história através do meu corpo e voz. A partir daí as crianças começaram a me pedir para que elas encenassem a história, eu assim o fiz. E, sempre após cada conto elas próprias recontavam a história encenando a mesma, o que resultou em oficinas de construção de cenário para as crianças realizarem apresentações de história para outras turmas da escola, elas ensaiavam ansiosas, se caracterizavam e se apresentavam com louvor.

Interessante foi perceber que, como já disse anteriormente, foram as crianças ao me verem contar histórias sentirem o desejo de fazer o mesmo. Coisa que não aconteceria se eu tivesse apenas lendo uma história mecanicamente, como às vezes eu já presenciei, sem dar ênfase nem ao menos ao tom de voz, contando como quem está a contar por obrigação. Acreditamos que,

provavelmente, ao me verem apaixonada pelas histórias as crianças desejaram sentir o mesmo, já que elas decidiram viajar no mundo fantástico dos contos.

Nessa perspectiva, compreendemos que, se o aluno relacionar o momento de contar histórias, de leitura de histórias a um momento monótono, este pode entender que leitura é algo feito por obrigação, algo chato e sem graça. Pennac (1993) alude que o homem que lê em viva voz, se expõe, e transparece para o seu ouvinte, caso o mesmo não sabe o que ler, não vive o que está lendo, tudo isso é percebido pelo público infantil e também adulto, porém se ele lê verdadeiramente, com prazer e simpatia, os livros se abrem para a multidão e as fazem se precipitar atrás deles.

Então o papel do professor é inspirar o aluno, ser um exemplo onde ele possa espelhar-se. O professor é peça fundamental na formação do aluno leitor, e a contação de história contribui significativamente para essa prática de formação do leitor.

Quando o professor conta histórias para as crianças, ele lhes transmite conhecimentos e valores que vão ser experimentados por elas por meio das experiências anteriores que trazem; quer dizer, é por meio daquilo que elas já sabem que as crianças criarão suas fantasias e imaginação. Quando o professor conta a história, ele traz as maneiras e formas que ele tem de ver aquela história, suas experiências, sua imaginação e fantasia, e isso exercerá um papel importante no desenvolvimento da criança (CAMARGO, 2011, p.32).

E, em sendo assim, o professor exerce um papel fundamental, no que tange à formação do leitor; quer dizer, o professor, enquanto mediador da leitura exerce uma grande influência no sujeito que se faz presente na escola. Nesse sentido, para formar um leitor, é preciso, também, ter prazer pela leitura, ou seja, a leitura apresentada de forma prazerosa e não obrigatória contribui para formar o leitor em potencial.

Segundo Pennac, (1993, p.13) “O verbo ler não suporta imperativo”, já a leitura que é feita por obrigação termina por ser um fardo a ser carregado, é como se fosse um castigo e, o pior de tudo, jamais contribuirá para formar o leitor, do contrário, tende a afastar-lo da leitura. Afora, o fato de que se pode pensar em termos de praticar a leitura. Portanto, pensemos: “Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca” (PENNAC, 1993, p.121).

Outro aspecto que merece ser levado em consideração é que, a contação de histórias apresenta a criança à literatura de uma forma gratuita, e faz com que a mesma queira ler por pura curiosidade, por puro deleite e por puro prazer. Se a literatura for trabalhada apenas com intenção

didática, pensando em explorar atividades voltadas à aprendizagem de conteúdos, como é o caso de conteúdos gramaticais exaustivos e a própria interpretação de texto. Tudo isso faz com que o leitor retire o encanto, retire os reais sentidos que o leitor pode atribuir à literatura. Portanto, para a criança a história não será mais tão atrativa, não será o momento mais esperado do dia, do contrário, será como um trabalho, algo de que ela prefere esquivar-se. Pois, “É preciso ler, é preciso ler [...] E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse, de repente, partilhar a sua própria felicidade em ler?” (PENNAC, 1993, p.80).

Por outro lado, sabemos que temos uma grade curricular a cumprir, já que somos pressionados a todo o momento, seja pela direção da escola, seja pelo excesso de conteúdos didáticos, seja pelos próprios pais “cobrando” que seu filho (que acabou de entrar na escola) precisa aprender a ler depressa. Nesse sentido, provavelmente, a família desconhece o fato de que o “sistema educacional” vive cotidianamente, cobrando dos que fazem a escola. Com base nisso, podemos nos questionar, elaborando perguntas do tipo: Por que a escola exige dos professores e equipe pedagógica? Por que insistimos em colocar a culpa no “sistema educacional”? O professor tem autonomia total ou parcial? O que fazer diante dessa situação?

A partir disso, cabem determinadas reflexões que, de uma forma ou de outra, tem a ver com a questão da formação continuada dos professores, por entendermos que falta a estes mais conhecimentos, devido ao desinteresse pela leitura, por parte de alguns. E, com isso, contribui para o fracasso escolar, no que concerne a problemática da leitura nas escolas públicas e também nas escolas particulares.

Acreditamos que, nós, professores, podemos, sim, modificar essa rotina, rompendo com algumas práticas “engessadas” em relação à prática da literatura infantil voltada para a contação de histórias. Como? Ao repensar novas e diferentes formas de contar histórias, desde que tenhamos consciência de sua importância para a formação do leitor, como já dissemos acima.

Nada de cobranças didáticas, a contação de histórias terá outros sentidos, considerando que podemos, junto aos alunos, transformar essa história, mostrar aos eles que a história é para que eles, ao ouvirem, se coloquem, falem de tudo que sentiram sobre a ela, só assim a história não terá um enfoque enfadonho e chato, sendo visto como sendo um pretexto para cumprir as cobranças de atividades. O professor precisa sentir prazer para, dessa forma, demonstrar o prazer pela leitura ao aluno; quer dizer, arrumar tempo na sua aula para a leitura por puro deleite, por meio da contação de histórias.

[...] É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, Geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, 1997, P.17)

O projeto de extensão: “Contadores de Histórias (Griots) da UEPB” me abriu as portas de um mundo novo, transfomei tanto o meu olhar para o texto literário, como a minha maneira de trabalhar a literatura em sala de aula. Percebo que me tornei uma contadora de histórias para os meus alunos, transformei minhas aulas, que se tornaram mais agradáveis e atrativas, e a grade curricular? Sim, continuei dando conta do que a escola e o próprio sistema educacional nos exigem, mas busquei dentro das aulas tempo para a leitura gratuita, transformei a leitura em algo leve e prazeroso para os meus alunos. E percebi o quão grande foi a evolução deles no interesse pela leitura, na busca de aprendizagem, do querer aprender a ler, e não porque são obrigados a isso, mas porque desejam a leitura.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escuta-lás é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1997, p.16).

É importante essa reflexão dessa autora, mas não nos sentimos confortáveis em saber que, geralmente, a contação de histórias esteja servindo como pretexto para o ensino dos conteúdos de aprendizagens, quando se aprende tudo na literatura sem ser, necessário, explorar para esse fim. Considerando que a literatura pode estar presente no cotidiano desses alunos leitores para que eles possam estabelecer relações, de acordo com as suas opiniões pessoais, daí compreender que a escola precisa se apropriar dessas reflexões teórico-práticas não para dizer ao aluno, mas para poder praticar a contação de histórias para formar o leitor.

Considerações Finais

Com base no objetivo geral desse trabalho que foi o de relatar a minha experiência como monitora do Projeto de Extensão: “GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS) DA UEPB” e refletir sobre a minha experiência como professora contadora de histórias. E, a partir disso, chegamos a uma breve conclusão de que o professor tem um papel determinante na formação do aluno leitor. Sobretudo, porque partimos do princípio de que ninguém nasce sabendo ler, é algo que se aprende, e essa aprendizagem pode ser bem ou mal sucedida dependendo de como a leitura lhes é introduzida, é pertinente ressaltar que esse papel não se restringe unicamente a escola, porém é grande o número de crianças que não tem contato com a literatura em casa, na contemporaneidade contar histórias, muitas vezes, é considerada uma grande perda de tempo e, assim, esses momentos em família tem se perdido. Se todos tivessem a consciência do quão importante para seus filhos, é ouvir histórias ao pé da cama, mas infelizmente a contação de história é, por vezes, desvalorizada.

Sendo assim, cabe a nós, professores, apresentar o mundo da leitura a essas crianças. A contação de histórias é uma prática que auxiliará o professor nessa missão, na literatura encontramos uma infinidade de caminhos a trilhar junto com os alunos, infelizmente se faz muito frequente a literatura trabalhada de forma errônea em sala de aula, usada apenas como subsídio para estudos gramaticais, ortográficos, etc, dessa forma a criança é privada de usufruir todas as contribuições que as histórias têm a lhes oferecer.

Ao longo desse projeto de extensão: “Griots” Contadores de Histórias da UEPB - pudemos refletir sobre a importância da prática de contar histórias dentro e fora da sala de aula, para contribuir com o estímulo à leitura, pois as histórias devem ser convidativas, falam as crianças numa linguagem própria, lhes traz aventuras, dramas, fantasias, trazem dilemas que falam diretamente à mente inconsciente, pré-consciente e consciente da criança, lhes auxiliando a resolver conflitos internos. As crianças adoram ouvir histórias, ficam fascinadas, elas vão sempre querer mais, isso lhes desperta o interesse em aprender, em querer ler, e ler mais um pouco.

Para tanto, faz-se necessário não privar a criança de algo que lhe é tão importante e satisfatório em prol de questionários vazios que insistem que a criança precise falar se entendeu o que aconteceu, porque aconteceu? Como aconteceu? o que a história quis dizer? O que o autor quis dizer? É preciso deixar que elas próprias extraíam os significados das histórias, elas vão buscar, de acordo com o momento vivido, o que mais lhes for reconfortante, o que mais se assemelha a seus dilemas interiores, hoje em determinada história ela poderá ficar apenas dando

ênfase a determinada parte que lhes parece interessar, futuramente, outra parte pode lhes ser mais atraente, e assim, por diante. A leitura quando feita por obrigação deixa de ser um momento de prazer, ao invés de estimular o aluno à leitura pode afastá-lo da mesma.

Durante o curso enfrentamos dificuldades, mas, apesar de todas as dificuldades decorridas, o curso nos trouxe experiências extraordinárias, nos estimulou a melhorar nossa prática, nos mostrou, nitidamente, o quão a forma que a literatura é trabalhada na escola pode empobrecer a mesma. Trouxe para nós um grande desafio, o desafio de impulsionar a prática da contação de histórias, transformando a literatura em um momento prazeroso e significativo, mostrando aos educandos a nossa paixão pela leitura, sendo exemplo, porque não se obriga ninguém a amar, se ensina, o mesmo se aplica a literatura.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. GESTOS E FALA NAS NARRATIVAS INFANTIS. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFPB, 2015. 210 páginas.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília; 1997
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: Para pequenos, médios e grandes**.- Belo Horizonte, 2009
- CAMARGO, Bianca Monteiro. **Era uma vez: Contando Histórias na Educação infantil**- Piracicaba- SP, 2011. Disponível em: <
https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/27092011_110050_disserta%E7%E3o.pdf>
 Acesso em: 05 Nov. 2017.

CORSO, Diana Lichtenstein e CORSO, Mário. *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSSON. Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. 3°. Ed.- São Paulo, 2009

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**- Rio de Janeiro : Rocco, 1993

SOUSA, Franciele Ribeiro/ STRAUB, Sandra Luzia Wrobel . **A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**-2014. Disponível em: <
<file:///C:/Users/William/Downloads/1483-4576-1-PB.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2017.

ANEXO A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

PROJETO DE EXTENSÃO: GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS) DA UEPB

Coordenadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Campina Grande, 26 de setembro 2014

2. Identificação

Título do Projeto: GRIOTS (CONTADORES DE HISTÓRIAS) DA UEPB

Departamento envolvido: Departamento de Educação

Colaborador (res): Curso de Pedagogia e Escola Normal Estadual

Carga horária: 120 horas anual

Público – Alvo: Alunos e Ex-alunos da UEPB e de outras IES e da Escola Normal Estadual

Área de abrangência: Alunos e ex-alunos de Pedagogia da UEPB e alunos da Escola Normal Estadual

Duração: 1 (um) ano

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba

Sigla: UEPB

UF da Instituição: PB

Tipo (federal, estadual, municipal, ONG, Comunitária)

Fone: , fax, E-mail, home-page: www.uepb.edu.br

Endereço completo:

Cargo/função: Professor Doutor A – Dedicção Exclusiva

Coordenador: Maria do Socorro Moura Montenegro

Endereço: Rua Tiradentes, 109 – AP: 702 - Centro – Campina Grande - PB

Fones: (83)3322-6777/8882-0072/9939-8426

E-mails: socorrommontenegro@hotmail.com

socorrommontenegro@gmail.com

3. Justificativa

O interesse por esse projeto de extensão surgiu da necessidade de subsidiar a comunidade campinense, através da comunidade acadêmica, estando incluso tanto aluno (a)s e ex-aluno (a) as da Universidade Estadual da Paraíba, como aluno (a)s e ex-aluno (a)s de outras instituições de ensino superior (IES) e também da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana, no que diz respeito à formação de contadores de histórias. Ao compreender que o ato de contar histórias propicia a formação do leitor, em todos os níveis, iniciando-se, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental, sobretudo quando se entende que é a partir dessa fase que se deve propiciar a aproximação da criança com os livros. Ao compreender que a leitura faz com que a criança possa reconhecer não só o livro como fonte de prazer e entretenimento, no sentido de experimentar “[...] um prazer especial, que não deve ser confundido com fuga, evasão ou escapismo. É o gosto pela imersão no desconhecido, pelo conhecimento do outro, pela exploração da diversidade” (MACHADO, 2012, p. 19).

O presente projeto de extensão tem como principal foco a formação/constituição do leitor que, tanto pode atingir crianças, que vai desde a educação infantil, perpassando pelos anos iniciais do ensino fundamental, como jovens, adultos e idosos. O que importa é o estabelecimento de práticas de contação de histórias em vários espaços onde haja aglomeração de pessoas, seja nas escolas, no parque da criança, em associações beneficentes, como é o caso do São Vicente de Paula. É oportuno que este projeto também esteja em consonância com o componente curricular: *literatura infanto-juvenil e escolarização* e as pesquisas nessa área.

A partir disso, ressaltamos que este projeto é de grande relevância acadêmica e social, tanto para os discentes que participarão do mesmo, como para a instituição (escolas) e a comunidade (parque da criança) em que serão realizadas as atividades, uma vez que se propõe a contribuir para a construção do leitor.

É pertinente evidenciar que se deve desmistificar a ideia de que o papel da formação do leitor não se restringe, apenas, ao contexto escolar, mas também ao contexto social e familiar. Pois se “[...] os pais tivessem consciência da importância de contar uma história ao pé de uma cama para seus pequenos, certamente teríamos uma adolescência menos traumatizada” (DINORAH, 1996, p. 49).

Nesse sentido, sabemos que o papel da universidade é o de prestar serviços à sociedade, através do ensino, da pesquisa e da extensão. E este último, busca ultrapassar os muros da universidade para dialogar com a Sociedade Campinense, ao desenvolver um trabalho voltado para o Incentivo à Leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores e a democratização da leitura nas escolas municipais e no parque da criança. Pois, por mais que a escola propague a necessidade de formar o leitor, é necessário que o professor demonstre o prazer de ler, através de seu testemunho vivo em sala de aula, do contrário, as palavras se tornam vazias de sentidos para a criança.

Outro fator que merece destaque relaciona-se com o fato de que a abrangência desse projeto, no que diz respeito ao seu público-alvo, em sua maioria, são crianças das classes menos favorecidas que tem pouco ou quase nenhum acesso a livros de Literatura Infanto-Juvenil no seu contexto familiar e/ou no seu contexto escolar.

Para isso, esse projeto de extensão configura o quanto a área de Pedagogia precisa ocupar o seu espaço - no mundo atual - como forma de dar visibilidade a dinâmica das suas atribuições e, isto requer uma resignificação do Pedagogo, para que, neste novo perfil de educador, ele busque adentrar, além das escolas e creches, outros espaços, como é o caso do parque da criança. Só assim, o pedagogo dará demonstração de que ele pode realizar nestes outros espaços - o que ele faz tão bem – na sala de aula.

É nessa perspectiva, que inserimos, neste projeto, escolas municipais e o parque da criança de Campina Grande – PB, para que os participantes (aluno(a)s de Pedagogia e da Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana) deste projeto possam praticar a ação de contar de histórias. Nesse sentido, partimos do princípio de que os contadores de histórias oportunizarão as crianças a serem incentivadas a ler tanto no espaço da escola, como em um espaço diferente do que, habitualmente, a sociedade reconhece como sendo o único para ler – A ESCOLA, além de proporcionar um ambiente mais atrativo, divertido e saudável.

Assim sendo, os “Griots (Contadores de Histórias) da UEPB”, aprofundará os conhecimentos em torno da arte de contar histórias, trazendo para a sua função, enquanto participante dessa prática de extensão o suporte para a efetiva consolidação do grupo de contador de histórias já existente, fazendo com que o mesmo se constitua um espaço para aprender, destinado ao estudo, a descoberta, à construção e à qualidade da formação continuada dos contadores de histórias.

Desta maneira, o participante buscará, neste primeiro ano do projeto de extensão, intensificar a prática literária através da contação de histórias, propiciando o incentivo e interesse do leitor em potencial, que se materializará na criança, jovem ou mesmo no adulto, a partir de uma ampla mobilização para construir o acervo literário para a prática de contação de histórias; baú com indumentárias para a contação de histórias; tapetes e livros teóricos de estudos e pesquisas. Assim como buscar escolas e locais que contatam para a realização de contação de histórias, com o intuito de consolidar a existência de um grupo permanente de contação de histórias na UEPB.

4. Fundamentação Teórica

A priori, o objetivo principal desse projeto é estimular a constituição dos “Griots (Contadores de Histórias) da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB”, acreditando que a prática de contar histórias, se praticada a luz de uma teoria, poderá oportunizar a criança, ou o adulto a interessar-se pela leitura, tanto no contexto da escola, como fora dela. “Na voz de um Griots, encontram-se os vestígios de uma memória cultural e do que foi apagado pela história oficial” (LIMA, 2009, p. 6).

Assim sendo, reconhecemos que é a partir da Contação de Histórias que se constrói o leitor, que se inicia na Educação Infantil e perpassa os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois compreendemos “[...] a criança como alguém ainda capaz de resguardar seu mundo de fantasia, fazendo viver a amplitude do seu ser criança” (CAVALCANTI, 2002, p. 12). E, é na literatura infantil que fazemos viver a amplitude do ser criança, que se instala na sua experiência com o mundo da fantasia, ao escutar maravilhosas histórias infantis,

que podem preencher inúmeros vazios, tanto no período da infância, quanto no da vida adulta. “O texto literário é mais do que suas estruturas discursivas, ele extrapola esse universo concreto para adentrar-se nas construções do imaginário de cada leitor” (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

Neste sentido, acreditamos ser de fundamental importância rever e questionar as nossas relações com os “nós” do mundo a partir da criança que somos e que, de certa forma, permanece para sempre reatualizada em comportamentos, desejos e sentimentos, já que é através da leitura que o sujeito pode estabelecer relação de sua vida com a realidade que o cerca, seja por meio da ficção, seja por meio do real.

Não se pode perder de vista que a criança que se inicia no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do mundo, de si e do outro, ao mesmo tempo em que pode adentrar no mundo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido. Precisamos considerar que:

[...] o homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto um contador de histórias. A natureza humana mergulha na mais absurda complexidade no momento em que se banha no universo em que se banha no universo da linguagem. Daí para frente, tudo nos é escorregadio e permanentemente transformado pela palavra (CAVALVANTI, 2002, p. 63).

Ora, se o homem é um ser, por natureza, sujeito da narrativa, não se pode desconsiderar o fator de que, é no espaço da escola que se constrói a criança, como sujeito da narrativa, bastando apenas que existam profissionais capacitados. Ao mesmo tempo em que compreendemos que o ponto de partida para que se forme o leitor é refletir com o(a) aluno(a) de pedagogia para que este se sinta responsável pela formação leitora. Nesse sentido, a escola necessita de um “[...] professor-leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através de seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar a também estabelecer laços afetivos com a leitura” (SILVA, 2001, p. 15).

É o professor como modelo de leitor que pode se encantar com a leitura e ter a capacidade de contagiar o leitor (a)-mirim se se considerar que, muitas vezes, a criança foi afastada, por inúmeros fatores, da leitura. Tal fato merece destaque, sobretudo quando se

compreende que se retira, conscientemente ou não, da criança a experiência com o mundo da fantasia, do imaginário que se faz presente, na maioria das vezes, na voz de um contador de histórias que lê, relê ou dramatiza um conto, uma poesia, uma fábula e outros. Pois:

[...] É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Direito, Política, Sociologia, Antropologia, etc..., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... É poder pensar, duvidar, perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia... É saber criticar o que foi lido ou escutado e o que significou... É ter vontade de reler ou deixar de lado de vez... (CORTES, 2006, P.80-81).

Podemos pensar que a escola deixou, muitas vezes, de contar histórias, não sabendo que, por meio dessa prática, o professor estaria ensinando de uma forma muito mais prazerosa sem ter que se desdobrar didaticamente para tratar dos conteúdos das diversas áreas.

5. Objetivos e Metas

5.1 Objetivos

Geral:

- Formar grupos de contadores de histórias com aluno(a)s e ex-aluno(a)s tanto do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como de outros cursos, incluindo também aluno(a)s da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana, caso haja interesse por parte deles.

Específicos:

- Integrar o projeto de extensão entre a universidade e a comunidade campinense;
- Formar contadores de histórias para que eles possam contribuir na formação do leitor e paralelo a essa formação fazer com que estes contadores possam, por sua vez, formar para a vida inteira o leitor crítico, desde cedo, no interior da escola;
- Desenvolver pesquisas e estudos teórico-práticos, que possam vir a auxiliar e dar embasamento no planejamento de atividades relativas ao grupo de contação de histórias do curso de pedagogia;
- Promover uma campanha de um acervo de livros infantis e de materiais para a prática de contação de histórias do curso de pedagogia;
- Atingir o maior número de alunos de pedagogia e da escola normal estadual para que eles possam atingir o maior número de crianças com o referido projeto, por ser uma experiência pioneira do Curso de Pedagogia/UEPB.
- Dinamizar a área de literatura infantil no curso de pedagogia com esse projeto de extensão.

5.2 Metas

- Pretendemos de início, abranger crianças de escolas (creches), do Parque da Criança, no período de 01 (um) ano, contados a partir da aprovação e vigência deste projeto, podendo ser renovado, a partir da avaliação contínua, que será feita com todos os envolvidos, levando em consideração o seu grau de aceitação do público-alvo no contexto da(s) escola(s) e do parque da criança, que será contemplado com este projeto. Além da satisfação e do interesse ou não, demonstrados pelo (a)s Griots da UEPB. Contemplado(a)s neste projeto.
 - Integração do projeto de extensão entre a universidade e a comunidade campinense;
 - Formação do contador de histórias para que ele possa contribuir na formação do leitor e paralelo a essa formação fazer com que este leitor se torne um leitor crítico;
 - Pesquisas e estudos teórico-práticos, que possam contribuir para enriquecer e ao mesmo tempo dar embasamento no planejamento de atividades relativas ao grupo de contação de histórias para os participantes do projeto;
 - Campanha de um acervo de livros infantis e de materiais para a prática de contação de histórias do curso de pedagogia;
 - Esperamos atingir o maior número de participantes, preferencialmente, professore(a)s,

(alunos e ex-alunos da UEPB e de outras IES)), para que eles possam atingir o maior número de crianças (contexto escolar e não-escolar) com o referido projeto, por ser uma experiência pioneira do Departamento de Educação/UEPB;

- Dinamização do curso de pedagogia com esse projeto de extensão.

6. Metodologia Operacional

6.1 Ações Programáticas

- Encontros do Professor Orientador com os participantes do projeto (aluno(a) e ex-aluno(a)s e a comunidade em geral que farão parte do referido projeto para que iniciemos as ações de planejamento, monitoramento, acompanhamento e avaliação, baseada nas disponibilidades dos participantes do referido projeto;
- Reunião com os responsáveis pela escola e/ou pela creche, de acordo com o seu interesse;
- Reunião com a pessoa responsável pelo Parque da Criança para avaliar o desempenho dos Griots (Contadores de Histórias) da UEPB, integrantes do projeto de extensão;
- Adequar o horário das alunas aos seus e a da Instituição escolar e municipal para planejar um cronograma das ações a serem desenvolvidas pelos participantes do projeto;
- Organizar horários para ser cumprido por cada participante do projeto, podendo estar sujeito a mudança, em casos extraordinários, analisado pela coordenação do projeto;
- Promover reuniões quinzenais com os participantes do projeto para estudos, práticas de contação de histórias e outros.

6.2 Divulgação e Mobilização

- Após a homologação do Projeto de Extensão pelo Departamento de Educação e pela Pró-Reitoria de Extensão será levado ao conhecimento da comunidade campinense para que

seja ampliada o número de participantes no referido projeto.

- A divulgação será em papel impresso na Central de Integração Acadêmica, na mídia (redes sociais) e em rádios e televisão.

6.3 Inscrição e Seleção

- As inscrições acontecerão na secretaria do curso de pedagogia, no mês de outubro/2014, salvaguardando dados importantes do participante numa ficha de inscrição.
- E a entrevista, no mês de novembro definirá o participante no grupo de contação de histórias.

7. Resultados a serem alcançados ou produtos esperados

- Contação de histórias nas escolas municipais e no parque da criança, de acordo com a dinâmica e o interesse do grupo;
- Pesquisas a partir do desenvolvimento da prática de contação de histórias.

8. Recursos Humanos/Equipe Técnica

- Professor Coordenador, aluno(a)s e ex-aluno(a)s da Universidade Estadual da Paraíba e aluno(a)s da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana.

9. Recursos materiais – Material didático

- Campanha de livros de literatura infantil e de indumentárias e matérias que possam auxiliar e ao mesmo tempo abrilhantar o cenário da contação de histórias.

10. Monitoramento/Acompanhamento/Avaliação

- A Professora Orientadora deverá desenvolver o monitoramento semanal, através dos livros de literatura infantil selecionados para ser utilizado pelo(a)s aluno(a)s do Curso de Pedagogia;
- A Professora Orientadora deverá apresentar um cronograma de acompanhamento mensal das ações a serem realizadas com os/as aluno (a)s e ex-aluno (a)s do Curso de Pedagogia;
- A Professora Orientadora deverá avaliar e reavaliar, a cada mês, o projeto de extensão com aluno (a)s e ex-aluno (a)s do Curso de Pedagogia, no sentido de redimensionar e ressignificá-lo, sempre que se fizer necessário.

11. Cronograma de execução das atividades:

- Outubro/2014 - Inscrição para a formação do grupo
- Novembro/2014 - Encontros semanais de estudos teóricos
- Dezembro/2014 – Planejamento das ações para 2015
- Fevereiro/2014 – Campanha de doação de acervo de livros infantis e materiais para a contação de histórias
- Março/2014 - Divulgação do projeto, tanto nas escolas públicas (municipais e estaduais), como na mídia (rádio e televisão) e redes sociais (Facebook).
- Fevereiro/2015 – Encontros de estudos para a formação do contador de histórias;
- Março/2015 – Ensaaios de contação de histórias;
- Abril/2015 - Avaliação mensal do projeto com os particioantes e a coordenação;
- Maio/2015 – Encontros de estudos de contação de histórias;
- Junho/2015 – Contação de histórias na s escolas;
- Agosto/2015 – Contação de Histórias no Parque da Craiça;
- Setembro/2015 – Avaliação Mensal do projeto de extensão.

12 - REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura infantil e juvenil. Dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: PAULUS, 2002.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias.** Viçosa – MG, CPT, 2006.

DINORAH, Maria. **O Livro Infantil E a Formação do Leitor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da Literatura Infantil. 2001. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.**

COELHO, BETTY. **Contar Histórias – Uma Arte Sem Idade,** Editora Ática: São Paulo: 1997.

CULLINAM, Berenice E. **BRINCANDO DE LER HISTÓRIAS – Como estimular na crianças, desde bebê, o prazer da leitura – Adaptação e sugestões bibliográficas:** Maria beatriz salvodi, 2001, Tamisa Editora, são Paulo – SP.

FILHO, Paulo Bragatto. **Pela Leitura Literária na Escola de Primeiro Grau,** Editora Ática, São Paulo - SP: 1995.

LIMA, Tania, Nascimento & Izabel & OLIVEIRA, Andrey (Org.) **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário.** 1ª ed. - Natal: Lucgraf, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Luiz Raul & SNDRONI, Laura C. (Orgs.) **A Criança e o Livro – Guia prático de estímulo à leitura**, Editora Ática: São Paulo – SP: 1987.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil & Juvenil – Vivências de Leitura e Expressão Criadora**, Editora Saraiva, São Paulo – SP: 1993.

WEBSITES:

Griots. Disponível em: <www.ciadejovensgriots.org.br/gritos.php>. Acessado em: 25 set. 2014.



DECLARAÇÃO

Aprovamos, *ad referendum*, o projeto intitulado “**Griots de Pedagogia e da Escola Normal (Contadores de histórias de Pedagogia e da Escola Normal)**”, coordenado pela Profa. Dra. **Maria do Socorro Moura Montenegro (DE/UEPB)**, para concorrer à bolsa de extensão, objeto do Edital 006/2014-PROBEX.

Campina Grande, 02 de outubro de 2014.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Educação - CEDUC

Prof.^a Maria Lúcia de S. Celino
Chefe do Depto. de Educação
Mat. 123389-9

ANEXO B

I – nome do projeto: CONTADORES DE HISTÓRIAS DA UEPB/Griots da UEPB

II – departamento do docente no caso de projeto: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

III – fundamentação teórica, incluindo objetivos e metodologia;

O objetivo principal desse projeto intenciona estimular tanto o (a) aluno (a) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, como ex-alunos da UEPB e de outras IES e a própria comunidade, a ser um (a) contador (a) de histórias, acreditando que a prática de contar histórias, se praticada a luz de uma teoria, poderá oportunizar a criança a interessar-se pela leitura, tanto no contexto da escola, como fora dela.

Assim sendo, reconhecemos que é a partir da Contação de Histórias que se constrói o leitor, que se inicia na Educação Infantil e perpassa os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois compreendemos “[...] a criança como alguém ainda capaz de resguardar seu mundo de fantasia, fazendo viver a amplitude do seu ser criança” (CAVALCANTI, 2002, p. 12). E, é na literatura infantil que fazemos viver a amplitude do ser criança, que se instala na sua experiência com o mundo da fantasia, ao escutar maravilhosas histórias infantis, que podem preencher inúmeros vazios, tanto no período da infância, como na vida adulta. “O texto literário é mais do que suas estruturas discursivas, ele extrapola esse universo concreto para adentrar-se nas construções do imaginário de cada leitor” (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

Neste sentido, acreditamos ser de fundamental importância rever e questionar as nossas relações com os “nós” do mundo a partir da criança que somos e que, de certa forma, permanece para sempre reatualizada em comportamentos, desejos e sentimentos, já que é através da leitura que o sujeito pode estabelecer relação de sua vida com a realidade que o cerca, seja por meio da ficção, seja por meio do real.

Não se pode perder de vista que a criança que se inicia no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do mundo, de si e do outro, ao mesmo tempo em que pode adentrar no mundo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido. Precisamos considerar que:

[...] o homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto um contador de histórias. A natureza humana mergulha na mais absurda complexidade no momento em que se banha no universo em que se banha no universo da linguagem. Daí para frente, tudo nos é escorregadio e permanentemente transformado pela palavra (CAVALVANTI, 2002, p. 63).

Ora, se o homem é um ser, por natureza, sujeito da narrativa, não se pode desconsiderar o fator de que, é no espaço da escola que se constrói a criança, como sujeito da narrativa, bastando apenas que existam profissionais capacitados. Ao mesmo tempo em que compreendemos que o ponto de partida para que se forme o leitor é refletir com o(a) aluno(a) de pedagogia para que este se sinta responsável pela formação leitora. Nesse sentido, a escola necessita de um “[...] professor-leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que através de seu testemunho de amor pelo livro possa ajudar a também estabelecer laços afetivos com a leitura” (SILVA, 2001, p. 15).

É o professor como modelo de leitor que pode se encantar com a leitura e ter a capacidade de contagiar o leitor (a)-mirim que, muitas vezes, foi afastado (a) da leitura, por inúmeros fatores. Tal fato merece destaque, sobretudo quando se compreende que se retira, conscientemente ou não, da criança a experiência com o mundo da fantasia, do imaginário que se faz presente, na maioria das vezes, na voz de um contador de histórias que lê, relê ou dramatiza um conto, uma poesia, uma fábula e outros. Pois:

[...] É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Direito, Política, Sociologia, Antropologia, etc..., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... É poder pensar, duvidar, perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia... É saber criticar o que foi lido ou escutado e o que significou... É ter vontade de reler ou deixar de lado de vez... (CORTES, 2006, P.80-81).

Podemos pensar que a escola deixou, muitas vezes, de contar histórias, não sabendo que, por meio dessa prática, o professor estaria ensinando de uma forma muito mais prazerosa sem ter que se desdobrar didaticamente para tratar dos conteúdos das diversas áreas. E é

nessa direção que defendo o ato de ler e também o de contar de histórias, entendendo que, segundo Cadermatori (2009), o mais relevante é que a leitura esteja presente, sendo ou não, promovida na escola ou em outro espaço qualquer, desde que se leve em consideração a experiência do professor como leitor e este tenha muito claro os diversos estágios por que passa um leitor. Considerando que a formação leitora jamais se dará de uma única vez, nem de modo único ou mecânico.

Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas. É preciso saber que não necessariamente um estágio leva a outro. Precisamos assumir também, por mais embaraçoso que isso seja, que há professores que [...] tentam, mas não conseguem ser leitores. O que não impede alguns deles de se empenharem honestamente na divulgação do livro entre os alunos e a trabalharem de modo a favorecer a outros melhor a experiência de leitura que aquela que tiveram (CADERMATORI, 2009, p. 24).

É a partir dessa perspectiva que, não só a escola como o professor deve refletir e, ao mesmo tempo, buscar empenhar-se, ao máximo, no sentido de envidar esforços na formação leitora, seja na escola ou fora dela. Contribuindo, dessa forma, para desconstruir ideias postas como “verdades” ou “rótulos” de que, necessariamente, o professor deve ser um ávido leitor, quando, de fato, essa é uma postura idealizada por alguns estudiosos da leitura/literatura. No entanto, a meu ver, o que essa autora ressalta é que, o que importa é que o professor tenha clareza disso e passe a empenhar-se honestamente com alunos ou não, para que eles possam ter uma experiência leitora, já que a sua pode não ter sido a experiência idealizada pela escola: que é a de que o professor, na maioria das vezes, deve ser um modelo de leitor.

V – demonstração da sua relevância acadêmica e social;

A partir dessa perspectiva, o “Grupo de Contação de Histórias da UEPB – Griots da UEPB, aprofundará os conhecimentos em torno das concepções de leitura/literatura e da própria arte de contar histórias, trazendo tanto para a função do aluno, como a de um potencial leitor(a), possível (a)/participante dessa prática de extensão ser o suporte para a efetiva consolidação do grupo de contador de histórias já existente, fazendo com que o mesmo se constitua um espaço para aprender, destinado ao estudo, a descoberta, à construção e à melhor formação docente

dos participantes do grupo, já que interagem não só com o público infantil, mas como as pessoas em geral, independente de idade, desde que se disponibilize a ser um contador de histórias para fazer com que a vida das pessoas, em geral, tenha mais sentido.

Desta maneira, o participante/aluno (a) e ex-alunos de Pedagogia ou de outros cursos e de outras IES buscará e a comunidade em geral, neste primeiro ano do projeto de extensão, contribuir com a prática literária através da contação de histórias, para incentivo e interesse da criança na literatura infantil; ampliar o acervo de recursos para a prática de contação de histórias; contribuir como suporte para o grupo de contação de histórias, gerado por este projeto de extensão, bem como recursos literários didáticos para cooperar com embasamento teórico quando se refere à prática de contar histórias; buscar escolas e locais que contatam para a realização de contação de histórias, bem como auxiliar o grupo a preparar o repertório de atividades para a concretização da prática; adquirir conhecimentos e experiências a respeito da prática literária pedagógica na área de literatura infantil, para fortalecer assim a formação acadêmica dos participantes, bem como a consolidação de um grupo permanente de contação de histórias.

Objetivos:

1. Impulsionar a integração entre a universidade e a comunidade, através de projetos de extensão;
2. Compreender como a contação de histórias pode dar início a formação do leitor e paralelo a essa formação fazer com que este leitor se torne um leitor crítico, assim como desenvolver o interesse pela leitura desde cedo;
3. Realizar pesquisas e estudos teórico-práticos, que possam vir a auxiliar e dar embasamento no planejamento de atividades relativas ao grupo de contação de histórias do curso de pedagogia;
4. Dinamizar tanto o curso de pedagogia da UEPB, como os demais e de outras IES e a própria comunidade com esse projeto de extensão.

V – caracterização do seu público-alvo;

Aluno (a)s, ex-aluno(a)s de pedagogia da UEPB e de outros cursos, assim como de outras IES e a comunidade em geral que se disponibilize a ampliar os conhecimentos, vivenciar, trocar ideias sobre a arte de ler, ouvir e contar histórias.

VI – indicação do coordenador, e dos discentes participantes, além dos possíveis colaboradores;

Inicialmente, o coordenador do grupo é o professor proponente do projeto, mas com a vivência e amadurecimento do grupo de contação de histórias, esse grupo poderá indicar um coordenador para se constituir um grupo autônomo, com vistas a uma política de formação de leitores na escola e fora dela, estendendo-se a todas as faixas etárias, desde as crianças em fase de idade escolar até adultos que se interessem pela contação de histórias.

A priori, os participantes envolvidos, diretamente, nesse projeto são aluno (a)s do curso de pedagogia da UEPB e os colaboradores são as pessoas físicas e jurídicas que der apoio e colaboração ao projeto, objetivando a formação do leitor no âmbito local e regional. No entanto, é preciso deixar claro que a comunidade em geral, pode participar deste projeto, desde que se interesse por esta temática.

VII – a carga horária dos participantes;

A carga horária do (a)s aluno (a)s/contadores de histórias será de 8 horas mensais, estabelecendo encontros de duas horas semanais, com base na conveniência do grupo.

VIII – cronograma de execução das atividades;

Outubro/2015 - Inscrição para a formação do grupo

Novembro/2015 - Encontros semanais de estudos teórico-práticos

Dezembro/2015 – Planejamento das ações para 2016

Fevereiro/2016 – Campanha de doação de acervo de livros infantis e materiais para a contação de histórias

Março/2016 - Divulgação do projeto nas escolas públicas municipais

IX – resultados a serem alcançados ou produtos esperados;

- Integração entre a universidade e a comunidade, através de projetos de extensão;
- A partir da contação de histórias dar início a formação do leitor e paralelo a essa formação fazer com que este leitor se torne um leitor crítico, assim como desenvolver o interesse pela leitura desde cedo;
- Pesquisas e estudos teórico-práticos, que possam vir a auxiliar e dar embasamento no planejamento de atividades relativas ao grupo de contação de histórias da UEPB;
- Campanha de um acervo de livros infantis e de materiais para a prática de contação de histórias do curso de pedagogia;
- Dinamização do curso de pedagogia com esse projeto de extensão.

X – descrição do local onde será realizada a ação.

Os encontros teórico-práticos do grupo se darão em dois momentos: no primeiro momento, haverá encontros com o Grupo de Contação de Histórias (Griots da UEPB) na Central de Aulas para repensar o local a ser vivenciada as práticas de contação de histórias com o próprio grupo. E, no segundo momento, o grupo se fará presente nos espaços onde se fizer necessário a presença do Grupo de Contação de Histórias da UEPB.

ABSTRACT

This article has the general objective of giving visibility to the Extension Project: "UEPB's GRIOTS (Storytellers)" and to report my experience as a storytelling teacher. The main purpose of the Project it was to form storytellers so that they could contribute to train the readers. Because of that, I had participated in this project as a scholarship holder - responsible for all the activities that were developed in this project, from 2014-2015 to 2015-2016. The meetings were held fortnightly, on Saturdays, in the Children's Park, in the city of Campina Grande - PB. These meetings were carried out, from the need to include theoretical debates, practices and techniques of storytelling. The methodology used in this work was an action research, because I understood that, as a scholar of this project, I sought to reflect on my own pedagogical practice, as a teacher, in what concerns the formation of the reader. As such, the results of this project, in my view,

were satisfactory, in the sense that we were able to review our practice, as a mediator of reading, through storytelling. The authors with whom we anchored was Busatto (2007); Abramovich (1997), Cadermatori (2006); Pennac (1995); Cosson (2009) and others.

Keywords: Experience Report; Extension project; Storytelling.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Márica. **Cultura letrada, literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão popular, 2014.

CADERMATORI, Ligia. **O Professor e a Literatura. Para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura infantil e juvenil. Dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: PAULUS, 2002.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa – MG, CPT, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

DINORAH Maria. **O Livro Infantil e a Formação do Leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da Literatura Infantil**. 2001. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

JOUVE, Vincent. **Por que Estudar literatura?** Tradução: Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Como e Porque LER o Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARINHO, Marildes. **Ler e Navegar. Espaços e Percursos da Leitura.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PROSUT, Marcel. **Sobre a Leitura.** Tradução: Carlos Vogt. Campinas, SP: Editora Pontes, 1991.

SILVA, Vera Maria Tietzmam. **Literatura Infantil Brasileira, um guia para professores e promotores da leitura.** Cênone Editorial, 2006.